

## INFÂNCIAS, ARTE, CULTURA E AS PRÁTICAS DE TERAPIA OCUPACIONAL: PARTES DE UMA BUSCA

Childhood, art, culture and occupational therapy practices: parts of an investigation

La infancia, el arte, la cultura y las prácticas de terapia ocupacional: partes de una búsqueda

Silva, J. A. & Castro, E.D. (2022). Infâncias, arte, cultura e as práticas de terapia ocupacional: partes de uma busca. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(1), 856-866. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto41731

### Resumo

**Objetivo:** Pretende-se relatar o desenvolvimento da pesquisa "Cartografia das práticas artísticas com crianças e jovens em espaços de arte: propostas e experimentações no contexto nacional".

**Síntese dos elementos do estudo:** realizou-se uma revisão bibliográfica que visibiliza a escassa publicação dos terapeutas ocupacionais sobre o acesso de crianças a espaços e ações de arte e cultura, embora existam publicações sobre a população jovem em diferentes contextos.

**Conclusão:** Os materiais estudados fortalecem a percepção que o acesso à cultura e às artes enfrentam restrições e são necessários esforços para transformar esta situação, potencializando processos de subjetivação, emancipação cultural, produção da saúde e da vida desta população.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional Tendências. Infância e juventude. Arte. Cultura. Conhecimento.

### Abstract

**Objective:** It is intended to report the development of research "Cartography of artistic practices with children and young people in art spaces: proposals and experiences in the national context".

**Synthesis of the elements of the study:** a bibliographic review was carried out that highlights the scarce publication of occupational therapists about children access to art and culture spaces and actions, although there are publications about the young people in different contexts.

**Conclusion:** The study strengthen the perception that culture and arts access face restrictions and efforts are needed to transform this situation, enhancing subjectivation process, cultural emancipation, production of health and life for this population.

**Keywords:** Occupational Therapy/trends. Childhood and youth. Art. Culture. Knowledge.

### Resumen

**Objetivo:** Presentar el desarrollo de la investigación "Cartografía de prácticas artísticas con niños y jóvenes en espacios de arte: propuestas y experimentaciones en el contexto nacional".

**Síntesis de los elementos de investigación:** se realizó una revisión bibliográfica que muestra la escasa publicación de terapeutas ocupacionales sobre el acceso de los niños a los espacios y acciones artísticas e culturales, aunque existen publicaciones sobre la población joven en diferentes contextos.

**Conclusion:** Los materiales estudiados fortalecen la percepción que el acceso a la cultura y las artes enfrenta restricciones y se requieren esfuerzos para transformar esta situación, potenciando procesos de subjetivación, emancipación cultural, producción de salud y vida para esta población.

**Palabras clave:** Terapia Ocupacional/tendencias. Infancia y juventude. Arte. Cultura. Conocimiento.

Juliana Araújo Silva 

<https://orcid.org/0000-0002-2028-9417>

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Medicina. Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Eliane Dias de Castro 

<http://orcid.org/0000-0003-4980-9292>

Universidade de São Paulo. Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Inclusão Social (MPTO). Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte (PGEHA/USP), São Paulo, SP, Brasil.

## 1.Introdução

Este artigo tem como objetivo fazer uma comunicação breve sobre o andamento da pesquisa de pós-doutorado intitulada "Cartografia das práticas artísticas com crianças e jovens em espaços de arte: propostas e experimentações no contexto nacional" (Silva, 2019), em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, na Universidade de São Paulo, com bolsa do Programa Nacional de Pós-doutorado da CAPES. Ele traz uma parte da investigação e, inspirado na proposição deste dossiê, que questiona como a terapia ocupacional tem dialogado com as crianças nos saberes sobre as infâncias e nas práticas com elas, elencou um levantamento não sistemático de publicações da área que abordassem práticas baseadas na interface com as artes e com o campo cultural. A intenção da exposição deste levantamento é visibilizar a escassa publicação dos terapeutas ocupacionais sobre práticas e pesquisas que contribuam com o acesso de crianças a espaços e ações de arte e cultura. Notou-se pouca produção dos profissionais em relação à infância, embora existam investimentos importantes junto à população jovem em diferentes contextos.

O objetivo geral da pesquisa é realizar um estudo cartográfico sobre a presença de crianças e jovens que são cuidadas pelo campo da saúde, em especial da saúde mental, em espaços de arte e cultura. Desde meados de 2019, está sendo feito um mapeamento da participação de crianças e jovens em iniciativas e espaços coletivos deste campo, através de leituras de locais variados e conversas institucionais com equipamentos de cultura da cidade de São Paulo. Neste processo, deslocamentos têm sido vivenciados e possibilidades de participação, bem como desafios, têm sido identificadas. A cartografia não pretende apresentar um panorama "total" da inserção desta população no campo cultural, mas realizar um percurso investigativo, no qual seja possível coletar diferentes experiências, estratégias, desafios e reflexões produzidos na intersectorialidade entre saúde e cultura.

A construção desta pesquisa tem origem em múltiplas linhas: o exercício de uma prática assistencial e de pesquisa focado na atenção à infância e juventude, com participação nos projetos intersectoriais entre arte, cultura e saúde, em grupo e em espaços territoriais e comunitários. Estas práticas, principalmente junto à saúde mental infanto-juvenil, germinaram reflexões sobre como estamos coletivamente investindo em formas de cuidar, numa perspectiva clínica e de construção dos direitos sociais, que ampliem o olhar para o trabalho com os corpos, com as linguagens artísticas e com a inclusão de novos cenários que compõem a cidade no cotidiano de crianças e jovens que são, historicamente, apartados de seus direitos básicos, incluindo a convivência comunitária. Interessa compreender como podemos ampliar o trabalho intersectorial e mobilizar os processos de subjetivação pela sensibilidade ativada em experiências plásticas, visuais, sonoras, sensoriais e lúdicas, para além da experiência oral e da relação dual. Muitas vezes, as crianças e jovens que cuidamos fazem usos mínimos da linguagem oral e nos é necessário compreender a expressão e a comunicação por outras vias. Ademais, foi importante perceber como o debate sobre acessibilidade está intenso nas instituições culturais, educacionais e na terapia ocupacional. Mas como a população infanto-juvenil está presente nestas práticas e discussões?

Em seu desenho inicial, considerando o período curto do pós-doutorado, a pesquisa pretendeu realizar o mapeamento preconizando buscas bibliográficas não sistemáticas na plataforma Scielo. E, caso fosse necessário e viável, realizar conversas com algumas experiências selecionadas. Contudo, no primeiro levantamento, não foram encontrados artigos que estivessem relacionados diretamente com o tema e que pautassem especificamente ações artísticas e culturais com crianças e jovens em situação de cuidado em saúde mental. Os descritores utilizados nesse momento foram: infância, infâncias, juventude, juventudes, arte, cultura, saúde, saúde mental, sofrimento, psicologia, terapia ocupacional. Alguns cruzamentos resultavam em 0 artigos encontrados, outros em três ou quatro, sendo que o cruzamento que mais elencou artigos, num total de 6, foi: juventude, saúde e arte.

Desta forma, já foi possível notar a escassez de publicação de relatos de experiências sobre o tema nesta base de dados. Outros desenhos passaram a surgir a fim de adentrar os territórios de prática e conhecer trabalhos e projetos. A pesquisa ampliou a plataforma de busca para aumentar o leque de revistas científicas, passou a construir territórios de conversas com profissionais de algumas instituições museológicas e, antes do advento da pandemia da COVID-19, a pesquisadora circulou por eventos como o I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo, em São Carlos, e o 3º. Encontro Internacional de Reflexão sobre práticas artísticas comunitárias, em Portugal. Muitos dos materiais provenientes destes espaços são potentes para pensar tanto a participação da infância nos espaços de cultura e a ausência de crianças marcadas por diferenças no modo de ser nesses espaços. Além disso, a pesquisa estabeleceu uma parceria com o TOCAR, projeto de ensino e extensão em Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília, para promover debates virtuais abertos sobre temas da interface arte e saúde, com profissionais da terapia ocupacional. Esta ampliação de enfoque tem contribuído com a coleta de experiências, permitindo o acesso a outros materiais e produzindo novos dados, que serão compartilhados em futuras publicações. Na brevidade desta comunicação, parte dos dados produzidos nos levantamentos específicos do tema, na terapia ocupacional, foi selecionado para compartilhar com o campo algumas questões.

## **2. Buscas e leituras na Terapia Ocupacional**

A Terapia Ocupacional tem forte ligação com os campos das artes e da cultura. Sua relação com práticas artísticas iniciou antes de sua institucionalização profissional, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. Lá, a participação de precursoras da profissão na Hull House demonstra o compromisso da base da profissão com essas propostas e com os processos de participação popular. A Hull House foi um complexo de moradia para imigrantes em vulnerabilidade, na cidade de Chicago, que comportou espaços coletivos através de múltiplas atividades artísticas, artesanais e comunitárias. Lima (2007) relata que, durante este experimento, Julia Lathrop criou um curso sobre ocupação e recreação curativa, que tinha um treinamento em terapia ocupacional. Uma das frequentadoras do curso foi Eleanor Clarke Slage, que é frequentemente apontada como fundadora da profissão.

Almeida & Costa (2019) buscam no Movimento de Artes e Ofícios (MAO) linhas para refletir sobre as origens da profissão. Resgatam sua história e a relação com atividades, como cozinhar, construir e coser, *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 6(1), 856-866, 2022.

na vida cotidiana, iluminando as influências filosóficas e os trabalhos corporais, que afirmavam a atividade humana e a corporeidade como questões a serem cuidadas para além da mecanização da revolução industrial. Os autores buscam referências para as atividades que faziam parte das dimensões humanas e não eram compreendidas restritamente como recursos para tratar pessoas; dizem que “estudar o MAO é, então, revitalizar perspectivas esquecidas na Terapia Ocupacional, ou mesmo nunca mencionadas ou ainda, muitas vezes ocultadas por forças políticas hegemônicas dominantes” (Almeida & Costa, 2019, p. 77). Apontam que:

A atividade artesanal, sendo a mais intensiva da experiência estética, pode reconfigurar o cotidiano e reorganizar a sociedade. Mas essa vida artesanal potente não está restrita a um grupo de atividades, ou é apenas possível a um grupo de indivíduos privilegiados. É uma militância na qual qualquer atividade do cotidiano, que configure uma experiência estética autêntica e coletiva, é compreendida como um direito a todo e qualquer sujeito. (Almeida & Costa, 2019, p.72).

No Brasil, a iniciativa de Nise da Silveira no Setor de Terapêutica Ocupacional no Rio de Janeiro foi um marco para a profissão e para os estudos e proposições na interface arte e saúde. Nise publicou um relatório nomeado “20 anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro”, que foi transformado em livro e intitulado Terapêutica Ocupacional: teoria e prática, sendo apontado como um dos fundamentos da profissão (Castro & Lima, 2007).

Assim, notamos que a profissão tem acompanhado as relações entre criação/invenção artística e os processos de vida, produção da saúde e cuidado e, simultaneamente, construído um olhar crítico para a formulação de proposições, com reflexões e revisões sensíveis à situação das vidas das pessoas que acompanha. Atualmente, têm-se, no campo profissional nacional, grupos de terapeutas ocupacionais que investem e se dedicam a esta questão na formação, no trabalho assistencial e nas pesquisas desenvolvidas em pós-graduação. Como exemplo, podemos citar a existência dos grupos de pesquisa ligados ao contexto universitário: Laboratório de estudos e pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo; Atividades Humanas e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos; a participação de terapeutas ocupacionais em grupos interdisciplinares, como o Laboratório Arte e Corpo da Universidade Federal de São Paulo; o grupo Terapia Ocupacional e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro; O Laboratório de Pesquisa e Vivência sobre o Corpo, na mesma universidade; Além de projetos de extensão, como o Programa Transdisciplinar em Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes (TOCCA) da Universidade de Santa Maria e o projeto Terapia Ocupacional, Cuidado e Corpo (TOCAR) da Universidade de Brasília. Estes grupos, e outros aqui não mencionados, vêm trabalhando em diferentes frentes, a partir de referenciais variados. Há o investimento em narrar e problematizar: aproximações históricas entre o campo artístico e o clínico (Lima, 2009; Castro, 2001); as práticas realizadas nessa interface, em serviços de saúde (Aleixo, 2016; Buelau, 2013), em oficinas de experimentação autônomas, em coletivos de criação (Inforsato, 2010; Silva, 2012) e reflexões sobre acessibilidade (Caldas e Maximino, 2016; Dorneles, Carvalho, Mefano, 2019).

Tais iniciativas vêm, ao longo do tempo, construindo modos de nomear esta relação e os modos/conceituações que circunscrevem esses temas: interface arte e saúde; interface arte e clínica; interface arte, saúde e cultura; arte e vida; corpo e arte; e terapia ocupacional e cultura. Cada conceituação apresenta em si diferenciações por seus termos; que determinam ações interdisciplinares ou transdisciplinares, localizam o espaço de inserção das práticas e seus alcances; porém, parecem agregar um horizonte comum que é a participação ampla de pessoas à margem do contexto postulado enquanto ideal/normal e que trazem, em si e em suas histórias de vida, marcas de exclusão do convívio social, do não exercício dos direitos, do desvio das formas padrões de relação, comunicação e expressão majoritários. E, mais do que denunciar tais situações, apresentam caminhos possíveis para a transformação da condição de participação destas populações, tencionam, com suas propostas, o instituído enquanto práticas clínicas, de saúde, culturais e em arte; fazem variar as possibilidades inventivas das linguagens, dos suportes de criação e os modos de relação e convívio. E as infâncias e juventudes: como aparecem?

O levantamento de textos produzidos por terapeutas ocupacionais feito na plataforma Scielo, em revistas internacionais *open access* e por busca direta via currículo lattes de pesquisadoras da área de interface, considerando os grupos previamente mencionados, vem compondo a feitura de uma parte da pesquisa, permitindo ampliar a percepção de como estas questões intersetoriais têm circulado no campo. Apesar das fundamentais contribuições, pouquíssimos materiais dedicam atenção à população infantil. A dissertação de Okuyama (2013), nomeada "Um estado de arte sem arte", desdobrou-se sobre um projeto com a população infantojuvenil, no contexto da saúde pública, que promovia a circulação de usuários do serviço de saúde mental por museus e exposições no centro de São Paulo. A pesquisa apresenta questões relevantes sobre a potência experimentada por esta população a partir do contato com os espaços culturais e os trabalhos artísticos. Ao discutir a atuação do sistema capitalista na produção subjetiva das crianças e seus efeitos, ela escreve que há uma:

Impregnação dos modelos imaginários, sociais, culturais, afetivos e perceptivos [que] conduz a uma modelagem da libido das crianças, que tendem a se sujeitar ao que provém dos dispositivos da cultura do capitalismo em detrimento de suas capacidades expressivas, criativas e inventivas (Okuyama, 2013, p. 36)

Nesse sentido, a prática clínica pode investir em experiências que promovam escapes a esta impregnação. Para a autora, as ações na interface arte e saúde "tornam possíveis a criação de lugares de troca e a invenção de possibilidades diversas de relações: modos de estar no mundo, modos de afirmar as singularidades e as diferenças das vidas" (Okuyama, 2013, p. 71). Ela criou, junto a colegas, um grupo de exploração de espaços culturais com crianças e jovens que experimentavam o contato com os espaços e com a cidade e realizavam registros num diário de campo com desenhos, colagens, frases e fotografias. Ao narrar experimentações nas saídas do grupo, a autora observou o estado de jogo que se estabelecia entre as crianças e jovens do grupo, as obras e os demais frequentadores dos espaços explorados. Em narrativas, faz conexões entre as histórias de cada participante, atravessadas por

delírios, abandono, vivências nas ruas dos centros e as reações que são vividas em espaços como o Centro Cultural Banco do Brasil, Itaú Cultural e em alguns espaços como os SESC's. Os participantes ficam atraídos por trabalhos específicos que, algumas vezes, têm relação com algo que estejam vivendo, comentam com o grupo sobre os trabalhos e produzem registros sobre o que viveram.

A dissertação nos convida, de modo geral, a perceber como a circulação das pessoas que acompanhamos em saúde mental, por espaços que possibilitem o contato com universos plurais criativos, podem compor com os processos de subjetivação ao dispararem sensações e questões através de trabalhos que exploram materialidades, linguagem e problemáticas comuns do viver. Além disso, coloca em pauta o diário de campo, feito de modo coletivo e com as crianças e jovens como produção de registro, superfície experimental de criação, acolhimento e compartilhamento. Ampliando formas de abordar as vivências nesse trabalho, para além da oralidade, e formas de registrar, para além da escrita em prontuários feitos somente por profissionais.

As buscas por trabalhos na Terapia Ocupacional destacaram também a produção de Carla Silva, com diferentes produções sobre infância e juventude, tecendo relatos de práticas e pesquisas relacionados à discussão sobre: trabalho e juventude, expressividade, cultura e direitos humanos e educação. Em alguns relatos, aborda, junto com outros autores, o trabalho com práticas artísticas e juventude. Como exemplo, podemos citar o artigo Adolescentes em situação de vulnerabilidade: estratégias de terapia ocupacional em um trabalho de prevenção a AIDS (2003), no qual relata um projeto da Associação Arte e Convívio com a UNESCO para realizar atividades de prevenção à Aids com jovens em vulnerabilidade. O trabalho, coordenado por terapeutas ocupacionais, realizava o acolhimento destes jovens, que eram encaminhados de diferentes serviços e que passavam por uma triagem para permanência no projeto ou para encaminhamentos apropriados. O projeto era composto por oficinas de atividades e grupo de orientação sobre sexualidade. Nas oficinas, os jovens eram considerados como "ser ativo no processo de construção de sujeito, um ser de práxis, da ação e da reflexão" (Silva & Freitas, 2003, p.114). As proposições buscavam ser lúdicas e proporcionar vivências em comunhão, que ampliassem o repertório potencial dos adolescentes, e, assim, possibilitasse autonomia e transformação. As oficinas ofereciam: capoeira, meio ambiente, pintura em tecido, brinquedoteca, música (violão e canto), oficina de criatividade e ateliê terapêutico. No ateliê terapêutico, eram realizados trabalhos manuais e artesanato, bijuterias, mosaico, desenho, entre outras técnicas. As terapeutas ocupacionais avaliaram que as oficinas proporcionaram um espaço que permitia a participação de cada um na forma que pudesse. "As oficinas de atividades, muito além das técnicas, facilitaram espaços de expressão, autoconhecimento e sobretudo possibilidade de existência". (Silva & Freitas, 2003, p.115).

Em outra publicação, com diferentes coautores, a pesquisadora relatou o trabalho de oficina de atividades com jovens de escola pública. A ação integrou práticas de pesquisa e extensão com a juventude urbana pobre em busca de tecnologias sociais, criação de espaços de participação democrática e ampliação de oportunidades. Tratou-se de oficinas que aconteceram em cinco escolas estaduais de ensino médio, tendo como ponto de trabalho a discussão sobre violência na e da escola. As oficinas eram

semanais, no período diurno e noturno, e operaram como “recurso mediador do trabalho de aproximação, acompanhamento, apreensão das demandas e fortalecimento dos sujeitos, individuais e coletivos, para os quais direciona sua ação” (Lopes et al., 2011, p. 282). Foram utilizados jogos, rodas de conversa, criação musical, trabalhos audiovisuais, construção de textos, apresentações culturais, debates e outras dinâmicas. O uso destas atividades aproximou a equipe técnica dos jovens e facilitou a percepção das suas necessidades, promoveu maior interação entre os participantes e um espaço prazeroso de sociabilidade. Como as propostas exigiam algumas ferramentas aprendidas na escola, como escrita, matemática e leitura, as autoras afirmam que as oficinas conseguiram ressignificar, ao menos para parte dos estudantes, a importância do conteúdo escolar. As conclusões das autoras afirmam o valor destas abordagens com a população jovem, apontam que as oficinas tiveram outros desdobramentos, como acompanhamentos individuais, ampliação das redes de suporte social e a produção de espaços de convivências respeitosos.

Em outros textos, a autora produz contribuições importantes, tanto para o campo da juventude como os campos dos direitos humanos e da terapia ocupacional em interface com a cultura. Alguns trazem reflexões conceituais fundamentais para denominação das experiências (como a diferença entre adolescência e juventude) e discussões sobre juventude, trabalho e cultura, apresentando, assim, uma produção que relaciona educação e os direitos humanos. Observa-se, assim, que há uma consistência na discussão que emerge nos encontros promovidos pelo grupo de pesquisa AHTO- Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, e apontam uma linha de intervenção e reflexão crítica relacionada à implementação de espaços integrados de educação, arte e cultura, promovendo convívio, debate, formação e a execução de ações na defesa dos Direitos Humanos. (Silva, 2014).

Gonçalves (2016) relata uma experiência com jovens em uma unidade de cumprimento de medida socioeducativa de internação masculina, na qual foi desenvolvida uma oficina de teatro e uma visita a um teatro na cidade. Ela contextualiza sua prática a partir da afirmação da terapia ocupacional como uma profissão centrada nas atividades humanas e na construção de sentidos e significados e, mais especificamente, na terapia ocupacional social, que se dedicaria a construir ações não focadas nas reabilitações (da saúde física e mental). Ela afirma que a atividade humana é compreendida, nesse modo de atuação, como “um instrumento de emancipação. A atividade tem uma dimensão sociopolítica, cultural e afetiva, e pessoas, grupos e comunidades são, então, processos relacionais e políticos” (Gonçalves, 2016, p.131).

No trabalho institucional, entende que seus objetivos têm relação com a busca da reconstrução das identidades dos jovens, resistindo aos processos institucionais de massificação. O trabalho com o teatro se torna um elemento de produção cultural, provocador de questionamentos, além de ser uma atividade corporal facilitadora e expressiva de processos de subjetivação. A participação da terapeuta ocupacional não era regular em todas as oficinas de teatro, mas havia uma composição com os momentos de discussão e proposições coletivas a partir dos desejos coletados. A oficina promove algumas apresentações na instituição, algumas com as famílias como espectadoras. Sobre o conteúdo que

emerge, descreve que “grande parte das peças encenadas abordavam temáticas como violência, uso de drogas, cometimento de atos infracionais, relacionamentos amorosos. Tinham sempre um desfecho de superação da problemática encenada, muitas vezes pelo cunho religioso” (Gonçalves, 2016, p.132).

Em determinado momento, os participantes da oficina quiseram realizar uma visita ao teatro e foi organizada uma visita ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Nesta visita, foram se revelando, pelas falas e perguntas dos jovens, a distância que aquele lugar tinha de suas vidas enquanto um espaço no qual eles poderiam circular, o que foi enunciado pela fala de um jovem: “eu nem sabia que eu poderia entrar aqui”, deparando-se com a arquitetura exuberante e com o valor da construção do local. Alguns jovens conheciam o prédio somente pelo lado de fora, pois circulavam pelas praças de seu entorno.

Por meio do I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo, em São Carlos, a pesquisadora teve contato com o trabalho de Andrea Amparo, apresentado no evento por meio de fotografias. Ele está registrado nos Anais do 7º Encontro Nacional de Acessibilidade e Cultura e é uma parceria realizada entre o TOCCA (grupo mencionado anteriormente) e o Museu de Arte de Santa Maria, na qual jovens com modos de existir diferentes participam de oficinas. A parceria, iniciada em 2017, estabelece que “pessoas com deficiência, sofrimento psíquico e/ou em situação de vulnerabilidade social começam a circular naquele espaço apoiadas pelos estagiários de terapia ocupacional” (Angeli & Nascimento, n.d, p.16). A parceria se iniciou com oficinas de fotografia, seguida por uma oficina de criatividade que desenvolvia propostas expressivas a partir das exposições. Foram realizados, também, estudos sobre o tema da acessibilidade, junto com o núcleo específico da Universidade Federal de Santa Maria, envolvendo a capacitação em audiodescrição, braille, libras e sobre as políticas públicas culturais vigentes. Convites foram feitos aos equipamentos de saúde da região e organizadas visitas a outros grupos.

Os autores compreendem que o trabalho da terapia ocupacional, ao se apoiar na ideia de cotidiano, convoca os profissionais a construir dispositivos de trabalho inventivos que promovam acesso aos direitos básicos, como à saúde, circulação e participação social, e à fruição e produção cultural. (Angeli & Nascimento, n.d, p.19). As ações que acontecem nessa parceria são registradas por anotações, fotografias e vídeos. As propostas investem em desautomatizar, sensibilizar, agir na produção de si e do mundo, construir coletividades e cooperar. Eles perceberam, como resultado dos investimentos nos anos de 2017 a 2019, a maior participação de profissionais do museu e estagiários na construção das ações educativas e o desejo de expandir as propostas para outros grupos de visitantes no museu. O raciocínio passou a ser o de permitir aberturas sensíveis para a característica de cada público, ao entender a necessidade de acessibilidade de cada um. Além disso, perceberam que os acompanhantes das pessoas que vivenciaram essa proposta, incluindo os técnicos responsáveis por acompanhar os grupos, também nunca haviam estado em um museu.

### 3. Conclusão

Pelos trabalhos aqui mencionados, percebe-se como o número de publicações relacionadas à população-alvo da pesquisa é baixíssimo, somente dois relatos encontrados a abordam diretamente. Os demais materiais se referem à juventude em geral e fortalecem a percepção que o acesso à cultura e às práticas artísticas para crianças e jovens no território nacional ainda encontram muitas restrições, que passam por questões econômicas, de raça, de comportamentos (normatizados e inadaptados), de valorização social dos espaços, entre outras. Assim, são muitas as frentes de investimento para que esta situação se transforme e para que as artes e as manifestações culturais possam ser mais próximas e, assim, contribuir com intensidade e pluralidade nos processos de subjetivação, de emancipação cultural, de produção da saúde e de vida desta população. Silva (2014) destaca a importância das intervenções que, por meio de projetos com foco no respeito à diversidade e na promoção de ações integradas e transdisciplinares, fomentem processos de empoderamento, cidadania ativa e autonomia de grupos historicamente estigmatizados.

Podemos pensar que seria potente intensificar o registro destas práticas intersectoriais com a cultura, para que se construa mais acesso e que, possivelmente, como são poucas as publicações, questionarmos se também são poucas as ações que buscam articular o cuidado em saúde com as práticas artísticas e culturais para esta faixa etária. Caso esta seja uma realidade, não seria somente uma característica no território nacional. Por exemplo, em um levantamento realizado na Suécia por Müllersdorf e Ivarsson (2016), sobre a atuação de terapeutas ocupacionais com atividades criativas, que foram caracterizadas como atividades artísticas e artesanais, foi constatado que 44% dos profissionais trabalham com estas atividades pelo menos uma vez na semana. Quando indagado sobre a faixa etária do público que participa destas atividades, descobriu-se que as crianças e jovens (até 18 anos) são somente 3.9%.

Outra possibilidade é que as ações realizadas estejam sendo nomeadas de outra forma, como práticas com o brincar e/ou atividades lúdicas. Entretanto, achamos fundamental afirmar que as ações clínicas que integram cuidado, vínculo, quando amalgamadas com os princípios emancipatórios da circulação cultural, podem operar aberturas significativas no encontro de crianças e jovens com as artes e com o processo de democratização cultural, promovendo movências nos processos de subjetivação coletivos. Embora incipiente, há um processo de revisão e reflexão em curso. Esgotamentos nos modos de produzir, educar e trabalhar pedem novas configurações e novos contatos, outras formulações e conscientizações. A questão que aqui segue ressoando é: como desmanchar estruturas, insuflar porosidade e criar tessituras arejadas e solidárias na vida com cuidado, invenção, construção dos direitos e da participação?

### Referências

Aleixo, J.P. (2016) *Centro de convivência e atenção psicossocial: invenção e produção de encontros no território da diversidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]  
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136122?locale-attribute=es>

- Almeida, M.V.M e Costa, M.C. (2019) Movimento de Artes e Ofícios: perspectiva ética- política- estética de constituição da terapia ocupacional no Brasil. In C.R.Silva (org.) *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber- fazer, cultura, política e outras resistências*. (pp.59-79) Hucitec.
- Angeli, A.A.C., Nascimento, L. A. (2019) Por entre obras de arte, café e diferentes públicos: uma experiência transdisciplinar em acessibilidade cultural. [Apresentação de trabalho]. *Anais do Sétimo Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural: acessibilidade e cultura em rede*.
- Buelau, R. M. (2013) *Plataforma Arte, Estação Clínica – fronteiras entre arte e vida*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-18122013-184631/pt-br.php>
- Caldas, F.L.; Maximino, V.S. (2016) Acessibilidade e experiência estética: um trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24 (1). <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0671>
- Castro, E.D. (2001). *Atividades artísticas e terapia ocupacional: construção de linguagens e inclusão social*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo] <https://repositorio.usp.br/item/001177511>
- Castro, E.D.; Lima, E.M.F.A. (2007) Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface, Botucatu*, 11(22), 365-376 <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>
- Dorneles, P. S.; Carvalho, C.R.A.; Mefano, V. (2019). Breve histórico sobre acessibilidade nas políticas culturais do Brasil [Apresentação de trabalho] *Anais do XV Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*.
- Gonçalves, M.V. (2016). "Eu nem sabia que podia entrar aqui": promoção de cidadania cultural como experiência de ressignificação de identidade de jovens em conflito com a lei. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 24 (1), 1270-137. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0664>
- Inforsato, E.A. (2010) *Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum*. [Tese Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-104547/pt-br.php>
- Lima, E.M.F.A. (2009) *Arte, clínica e loucura: território em mutação*. Sumus/FAPESP.
- Lima, E.M.F.A. (2007) Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt. [Tese livre-docência, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/5/tde-05022018-084711/pt-br.php>
- Lopes, R.E. et all. (2011) Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface. Botucatu*, 15, (277-88). <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000100021>
- Lopes, R.E., et all. (2014) Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 22 (3), 591-602. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.081>
- Müllersdorf, M.e Ivarsson, A. (2016). What, Why, How – Creative Activities in Occupational Therapy Practice in Sweden. *Occup. Therapy International*, 23, 369-379.
- Okuyama, P. M. (2013). *Um estado de arte sem arte: estratégia para acompanhamento de crianças e adolescentes*. [Dissertação Mestrado, Universidade de São Paulo] <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122013-124632/pt-br.php>
- Silva, C.R. (2014) *Direitos Humanos para a diversidade: construindo espaços de arte, cultura e educação*. São Jorge.

[https://www.researchgate.net/publication/299285373\\_Direitos\\_Humanos\\_para\\_Diversidade\\_construindo\\_espacos\\_de\\_arte\\_cultura\\_e\\_educacao](https://www.researchgate.net/publication/299285373_Direitos_Humanos_para_Diversidade_construindo_espacos_de_arte_cultura_e_educacao)

Silva, C.R.; Freitas, H. I. (2003) Adolescentes em situação de vulnerabilidade: estratégias de terapia ocupacional em um trabalho de prevenção a AIDS. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 11 (2). <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/197/152>

Silva, J.A. (2019). *Cartografia das práticas artísticas com crianças e jovens em espaços de arte: propostas e experimentações no contexto nacional*. [Projeto de Pesquisa de Pós-doutorado, Universidade de São Paulo].

Silva, J.A. (2012). *Poéticas e marginalidade: experiências no Projeto Cidadãos Cantantes*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista] <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97576>

**Contribuição dos autores:** J. A. S. é autora da pesquisa de pós-doutorado, responsável pela redação do texto e E. D. de C. foi sua supervisora no primeiro ano de pesquisa e foi responsável pela produção do texto e revisão.

**Recebido em:** 24/02/2021

**Aceito em:** 16/05/2021

**Publicado em:** 31/01/2022

**Editor(a):** Ana Carollyne Dantas de Lima